

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUIZ MARCELO DE PAULA**

**PARLAMENTAR OU PARA LAMENTAR: O FACEBOOK COMO  
FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE POLITIZAÇÃO**

**CURITIBA**

**2018**

**LUIZ MARCELO DE PAULA**

**PARLAMENTAR OU PARA LAMENTAR: O FACEBOOK COMO  
FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE POLITIZAÇÃO**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Razer A. N. R. Montaña

**CURITIBA**

**2018**

## **Parlamentar ou Para Lamentar: O Facebook como Ferramenta Pedagógica de Politização**

**Luiz Marcelo de Paula**

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo explorar os efeitos que uma educação contextualizada e que utiliza as mídias digitais, em particular a rede social Facebook, pode ter sobre a consciência política de um grupo de estudantes concluintes do Ensino Médio em uma escola pública da periferia sul da capital paulista. Para tanto, esse experimento valeu-se do período de um bimestre, ou seja, de 01 de agosto a 10 de outubro do ano letivo de 2017 em que, além da observação no contexto de sala de aula e fazendo uso do conteúdo programático referente às aulas de sociologia, também se desenvolveu uma página de grupo no Facebook para interação das turmas juntamente com o professor. Esta página serviu ainda como repositório das atividades e pesquisas realizadas pelos alunos. Coube ainda nessa intervenção, um trabalho de campo em que os alunos, em grupo, puderam contatar pessoalmente os 55 vereadores da Câmara Municipal de São Paulo e indagar sobre o seus mandatos legislativos.

**Palavras-chave:** Educação. Política. Redes Sociais. Comunicação.

### **1 INTRODUÇÃO**

A crise social, política e econômica que acomete o Brasil há alguns anos evidencia a necessidade de despertar na sociedade, especialmente entre os

mais jovens, um maior interesse pelos rumos do país. Que essa demanda passa inevitavelmente pela temática da educação, é discurso recorrente. Paira sobre a população o senso comum de que somente por meio de um sistema educacional moderno e eficiente, o Brasil poderá reaver seu protagonismo de potência emergente que vinha exercendo no cenário mundial.

Porém, frente à precariedade da educação brasileira, diagnosticada por diversos índices de medição tanto interno quanto externamente <sup>1</sup> urge desenvolver métodos de ensino que resgate no jovem estudante desinteressado pela política, condições que possam ser capazes de reverter esse processo.

Tal realidade tem despertado os pesquisadores para a necessidade de se investigar a relação entre educação e redes sociais digitais, particularmente o Facebook. O presente trabalho visa contribuir e ampliar esta reflexão destacando no contexto a especificidade da política.

Não obstante haver em grande quantidade material de pesquisa relacionando educação às redes sociais digitais, educação à política e redes sociais à política, o mesmo não se pode dizer sobre pesquisas vinculando estes componentes de forma agregada a uma possível tendência político-comportamental.

Diante disso, o presente trabalho pretendeu problematizar a tríade (educação – redes sociais digitais – política) para aferir se há uma correlação entre esses componentes (vinculados) e um possível aumento no nível de politização dos estudantes, de forma que em seu cotidiano seja verificado um maior interesse no acompanhamento dos processos políticos do país.

Na perspectiva de compreender como a política atua valendo-se de uma plataforma de rede social digital, foram estabelecidas por recorte oito turmas concluintes do ensino médio em uma escola pública da periferia sul da capital paulista. A partir desse recorte levantou-se a questão norteadora desse experimento social que é: Até que ponto uma rede social, como o Facebook,

---

<sup>1</sup> Conforme reportagem do Porta IG <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2017-09-12/educacao-brasil-ocde.html>>

pode influenciar no interesse de jovens estudantes das escolas públicas pelo tema política?

Sabe-se que o Facebook, à parte dos elementos que lhe caracterizam como rede social, vem se destacando desde o início como canalizador de demandas político-sociais obtendo significativo protagonismo nas diversas manifestações de protestos em nível mundial <sup>2</sup>. Até que ponto esta atuação pode se estender para além dos protestos convertendo-se num instrumento de real conscientização política, principalmente entre jovens estudantes brasileiros, é objetivo geral que norteia este trabalho.

Dentre os objetivos específicos consta identificar o grau de envolvimento dos sujeitos com as redes sociais, particularmente em relação ao tema proposto; promover a interação das turmas propiciando não somente os conhecimentos teóricos em sala de aula, mas também a vivência dentro de um grupo virtual, como também pesquisa e trabalho de campo em grupos; estimular a criatividade por meio de produção de vídeos e incentivar o acompanhamento do noticiário político junto às diversas mídias.

Constatado o fato de que a rede social Facebook está amplamente disseminada no cotidiano juvenil <sup>3</sup>, procurou-se verificar na bibliografia disponível se esta ferramenta tem sido devidamente incentivada pelos gestores escolares e docentes como instrumento de apoio no processo de ensino aprendizagem.

O presente artigo ainda se mostra relevante para mensurar se um suposto desinteresse pela política estaria atrelado a um modelo de educação ultrapassado e antiquado, que resiste em aderir às investidas de um mundo

---

<sup>2</sup> Colômbia/ FARC's, Primavera Árabe e, a partir de 2013, também no Brasil quando foi tomado por manifestações de protestos contra o aumento de passagem de ônibus.

<sup>3</sup> Embora algumas pesquisas deem conta de que o interesse dos jovens tem diminuído-  
<<https://olhardigital.com.br/pro/noticias/facebook-ainda-e-a-rede-social-mais-usada-por-Jovens5678>

hiperconectado, ao passo que uma rede social como o Facebook poderia servir como utilitária e eficaz ferramenta pedagógica de politização.

No transcorrer desse artigo será apresentado um breve histórico da rede social Facebook e a maneira rápida como ela vêm conquistando espaço a ponto de superar a concorrência tornando-se a maior rede social do mundo. Corroborarão com este, outros artigos e experiências de pesquisadores que relacionaram o Facebook à educação a fim de introduzir a especificidade do tema ora proposto.

Em seguida serão pontuadas algumas considerações sobre o nível de envolvimento do jovem brasileiro com a política de uma perspectiva midiática e de outros artigos acadêmicos.

Os métodos utilizados para essa pesquisa serão mais bem detalhados, e na análise dos dados levantados será considerada, além do questionário, a interação na página virtual criada para esse fim, bem como a participação efetiva em sala de aula em torno do tema.

Na construção do projeto de pesquisa partiu-se da hipótese de que o Facebook, dado a sua capacidade de inovar e manter os estudantes em rede e conectados, desde que respaldado por docentes que incentivem o seu uso para esse fim, tem um forte potencial de introduzir o jovem no ambiente político, quebrando possíveis resistências e ampliando o seu interesse pelo tema.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 A REINVENÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE**

A comunicação por meio da internet é o ápice da evolução de um processo inerente ao ser humano.

A necessidade de se comunicar cada vez mais eficazmente ganhou contornos modernos a partir do século XV com o aparecimento da máquina de impressão tipográfica, cuja invenção é atribuída ao alemão Johann Gutemberg.

Tal feito foi determinante para favorecer a circulação de ideias em escala mundial.

Desde então, com o surgimento do telefone, do rádio, da televisão, da telefonia móvel e da internet, a maneira de conceber a vida e a realidade foi profundamente afetada, expondo reações adversas no seio da sociedade entre os que desconfiam e os que se empolgam com a amplitude de tão rápidas e significativas transformações.

Alguns autores vêm se desdobrando em análises sobre como estes novos meios de comunicação de massa estão impactando a sociedade contemporânea. No livro *Teorias da Comunicação de Massa* os autores afirmam que “as implicações, influências e consequências do crescimento extraordinário de nossos veículos de massa ainda se acham incompletamente compreendidas.” (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 17 citado por OLIVEIRA COELHO, 2015).

Não obstante a isso, dado a velocidade com que as novas tecnologias digitais se aprimoram, o advento da internet possibilitou a conexão entre pessoas e empresas de tal forma que dificilmente se encontra alguém, ao menos no ambiente urbano, que não esteja de alguma forma conectada a uma rede social digital.

Esse fenômeno já havia sido previsto por Marshall McLuhan, o filósofo social e teórico da comunicação que cunhou o termo “aldeia global”. Em seu influente livro de 1964 *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, ele previu o desenvolvimento de uma plataforma universal de comunicações capaz de unir o planeta.

Estamos nos aproximando muito depressa da fase final das extensões do homem – a simulação tecnológica da consciência -, quando o processo criativo de adquirir conhecimento será coletiva e corporativamente estendido a toda a sociedade (KIRKIPATRICK, 2010, p.353).

Dentre as diversas formas com que a internet tem oportunizado as relações interpessoais, talvez nenhuma venha se destacando tanto como o fenômeno das redes sociais.

De acordo com Recuero (2010 citado por OLIVEIRA COELHO, 2015), o advento da Internet trouxe algumas mudanças fundamentais para a sociedade, entre elas, a possibilidade de socialização e expressão por meio da comunicação mediada pelo computador (CMC). Ainda, segundo a autora, em seu livro *Redes Sociais na Internet*, o estudo da sociedade a partir do conceito de rede permeou a ciência durante todo o século XX. Recuero define rede social como um conjunto de atores, que são pessoas, instituições ou grupos, e suas conexões, ou seja, suas interações ou laços sociais.

## 2.2 O FENÔMENO FACEBOOK NO UNIVERSO DAS REDES SOCIAIS

Dentre as muitas redes sociais, destaca-se como objeto de pesquisa deste artigo, o Facebook, que ganhou notoriedade em função de seu rápido e consistente crescimento que vem se confirmando, ano após ano, desde 2004, pelas mãos de seu jovem fundador Mark Zuckerberg.

Antes dele, porém, uma infinidade de outros sites de relacionamento foi desenvolvida<sup>4</sup> e alguns ficaram suas estacas no universo cibernético, mantendo suas posições o quanto puderam diante daquilo que prometia se tornar uma mania mundial. O Facebook, entretanto, sobrepujou a todos.

O livro *O Efeito Facebook*, escrito em 2010, tornou-se uma referência no que diz respeito à origem e ascensão dessa rede social. Entretanto, a obra que teve o incentivo e apoio do próprio Zuckerberg (KIRKIPATRICK, 2011), ainda que traga informações pormenorizadas sobre sua fundação, criadores e o fenômeno em que se transformou o site num espaço de apenas sete anos, tornou-se obsoleto no que diz respeito aos atuais dados estatísticos que o envolvem.

Em sua concepção original, no entanto, o Facebook não tinha tamanha pretensão, daí a alcunha de fenômeno. Conforme Kirkpatrick, (2011, p. 24) “De

---

<sup>4</sup> *Facemash* foi o primeiro protótipo do que viria a ser tornar o Facebook. *Friendster* e *MaySpace* são, dentre outras, exemplos de redes sociais que antecederam o Facebook.

início era apenas para uso restrito dos estudantes de Harvard. No outono de 2005 começa a aceitar estudantes do ensino médio e um ano depois se abriu para qualquer pessoa”.

De tempos em tempos, para fins de marketing, o próprio Facebook, disponibiliza dados sobre seu incrível crescimento. O mais recente data do ano de 2016. Segundo um site especializado em marketing digital <sup>5</sup> o Facebook marketing faz parte de quase toda estratégia de marketing digital que se preze, tanto aqui como lá fora. Tal exaltação da rede social tem razão de ser. De acordo com os números apresentados pelo site ao final de 2016, o Facebook contava com 1,59 bilhão de contas ativas. Isso supera a população da China e Índia somadas. A cada 60 segundos são postados 510 mil comentários, 293 mil atualizações de status e 110 mil fotos e vídeos.

O Brasil é o 3º maior país em número de usuários com 99 milhões de contas ativas, logo atrás de EUA e Índia respectivamente, o que significa que 8 em cada 10 brasileiros que acessam a internet têm uma conta no Facebook.

Dados estatísticos ainda mais recentes dão conta de que o Facebook chegou a 1,94 bilhão de usuários em todo o mundo no primeiro trimestre de 2017.

“O Facebook tem mostrado uma durabilidade peculiar. Essa tendência não pode durar para sempre, mas ainda não mostrou nenhum sinal de que vai se reverter” (KIRKIPATRICK, 2011, p. 352).

### 2.3 FACEBOOK E EDUCAÇÃO

Diante da grandeza dos números apresentados, ainda é incipiente o volume de produções científicas acerca do Facebook e sua relevância, fato que se explica pela novidade que ainda representa o advento das redes sociais, o

---

<sup>5</sup> Allan Peron é consultor de Marketing especializado em mídias digitais - <http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/>

que evidencia um campo de pesquisas que necessita de maior exploração e aprofundamento.

Uma revisão sistemática publicada em 2015 contemplando publicações de 2011 a 2014 encontrou 270 artigos em periódicos e anais de eventos sobre o Facebook no campo das ciências sociais e humanas no idioma português (OMENA, JORGE, 2015 citado por OLIVEIRA COELHO, 2015).

A utilização da rede social Facebook entre jovens do ensino médio e em idade universitária é significativa em seus relacionamentos sociais e grupos de afinidade, e seus potenciais didático-pedagógicos vêm sendo pouco a pouco descoberto pelos docentes.

Uma das obras com que este artigo dialoga é uma produção acadêmica coletiva luso-brasileira editada pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPEB) Facebook e Educação: Publicar, curtir e compartilhar. A obra é fruto de intensa colaboração entre professores-pesquisadores e estudantes pesquisadores que atuam nos programas de pós-graduação no Brasil e em Portugal. Organizado pelas autoras Cristiane Porto e Edmeia Santos a obra enfoca e problematiza as transformações educacionais diante do que se convencionou chamar de cibercultura, ou cultura digital no contexto das mídias sociais.

Já de início, Eliane Schlemmer, pesquisadora do CNPq que prefacia a obra admite que essa cultura digital ainda não foi devidamente assimilada pela classe docente, em suas palavras.

O tempo passou, as novas tecnologias surgiram, mas as metodologias, as práticas e os processos de mediação pedagógica parecem não acontecer no tempo e com a mesma intensidade que precisamos para que a educação possa ser significativa e efetivamente relevante para o atual sujeito da aprendizagem (PORTO; SANTOS, 2014, p.10).

O sujeito em questão é o mesmo em torno de quem esse trabalho se desenvolve. O mesmo a quem se pretende aferir o grau de influência da conjunção educação/redes sociais digitais na construção de sua formação política. Um sujeito prossegue Schlemmer, “que vive e convive num mundo

híbrido, e para quem não faz mais sentido a separação entre um mundo analógico e um mundo digital, pois se trata de um *continuum* onde diferentes tecnologias coexistem no universo das interações” (PORTO; SANTOS, 2014, p.10).

E é sob esta perspectiva crítica e desafiadora que se desenvolve parte dos 21 artigos reunidos na publicação.

Um desses artigos Redes sociais e educação – Reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem, discorre sobre o potencial das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), em particular a internet, em transformar os processos de ensino e aprendizagem no contexto de uma sociedade em rede.

Os autores, entretanto, em concordância com Schlemmer, salientam a resistência de muitos profissionais em aderir a estes novos modelos devido aos desafios que representam, seja pelo aspecto inovador, como ao apego ao confortável, à metodologia tradicional, ainda que comprovadamente ultrapassada. Na opinião dos mesmos, aliás, não faz mais sentido manter um modelo de organização pré-digital centrado no professor, mas considerando a realidade de uma geração digital, onde os educandos se tornam sujeitos ativos num universo que dominam.

Os autores se referenciam em Castells (2007) que designa por “informacionalismo” o atual modelo de desenvolvimento em que, por princípio, o sistema produtivo das sociedades informacionais está organizado de modo a que a produtividade seja maximizada através do conhecimento e da proliferação das tecnologias de informação.

Os autores ainda discorrem sobre a preexistência das redes sociais, estas ganham um novo contorno e se resignificam com as TIC's. Assim, e sendo as redes sociais espaços coletivos e colaborativos de comunicação e de troca de informação, podem facilitar a criação e desenvolvimento de comunidades de práticas ou de aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita.

Dentre estes espaços, os autores destacam o Facebook, por agregar múltiplas funcionalidades e permitir ações interativas na WEB, além de estar presente no cotidiano dos estudantes.

O desafio maior na exploração das potencialidades educativas desta rede parece residir na falta de domínio dos professores quanto à utilização de seus recursos, de forma a não se tornar um repositório de informação estático.

Para isso os professores precisam otimizar a rede, promovendo uma forma de aprender com objetivos bem delineados, metodologias e avaliações bem claras e coerentes com os princípios de uma aprendizagem que se deseja colaborativa e construtivista (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014 p. 75)

Em outro artigo, A Face Educacional do Facebook – um relato de experiência, os autores corroboram o mesmo pensamento ao afirmar que a interatividade é fator basilar para a mediação pedagógica no Facebook, pois “possibilita o aprendizado colaborativo, o diálogo, a negociação social e a construção coletiva de conhecimento” ( ALLEGRETTI et al., 2012, p.56). E complementam ainda:

Os alunos abandonam a posição passiva de receptores de conteúdos, característica dos modelos conservadores, para a posição de construtores do conhecimento, correspondendo às propostas de um paradigma inovador e mais voltado para a complexidade do mundo atual (TSUKAMOTO; FIALHO; TORRES, 2014 p.354).

Foi nessa perspectiva que se desenvolveu a dinâmica da página Parlamentar ou para lamentar, onde a interação entre alunos e professor permitiu ampla troca de ideias em torno dos conteúdos disponibilizados para fins dessa pesquisa.

## 2.4 FACEBOOK E POLÍTICA

A utilização das redes sociais com finalidades ideológicas e políticas é uma consequência natural da dinâmica da cibercultura. Tão logo se verificou o potencial de alcance das mídias sociais, uma legião de políticos e partidos, bem

como ativistas sociais e ambientais, aderiu à sua lógica de comunicação inserindo seus perfis na rede.

No livro *Nascidos na Era Digital*, os autores Palfrey e Gasser discorrem sobre o contexto tumultuado das eleições de 2008 no Quênia, por exemplo, cujo resultado foi amplamente contestado, quando as redes sociais foram largamente utilizadas para informar o mundo do que ocorria no país africano.

Dentro da população conectada de quenianos, há uma crescente e vibrante comunidade de pessoas que estão escrevendo e colocando matérias na mídia digital de maneiras extremamente sofisticadas, visando causar um impacto político (PALFREY; GASSER, 2011 p.287).

Segundo os mesmos autores:

A habilidade dos ativistas conectados de transformar a política em alguns países pode ser a tendência mais importante na cultura global da internet. Os primeiros sinais de uma cultura de ativismo cívico entre os jovens, unidos pelas tecnologias digitais, estão aparecendo em todo o mundo. Se estes sinais iniciais se transformarem em um movimento maior, a política como a conhecemos está prestes a sofrer grandes mudanças (PALFREY; GASSER, 2011 p.287).

O Facebook, como a mais poderosa rede social do mundo, vem se destacando desde o início como canalizador de demandas político-sociais obtendo significativo protagonismo nas diversas manifestações de protestos em nível mundial. Um episódio ocorrido na Colômbia no final do ano de 2007 se tornou emblemático.

Emmanuel era o filho de 4 anos de Clara Rojas, que estava sendo mantido refém nas selvas da Colômbia havia 6 anos. Seu filho nascera enquanto ela estava em poder dos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, conhecidas como FARC. As FARC mantinham um total de 700 reféns, incluindo a candidata à presidência Ingrid Betancourt, sequestrada com Clara Rojas durante a campanha de 2002 (KIRKIPATRICK, 2011, p. 9).

O relato acima, do prólogo do livro *O Efeito Facebook*, é parte do contexto de um drama que mobilizou toda a Colômbia e uma porção de outras cidades mundo afora a partir de um grupo criado no Facebook por um anônimo

engenheiro civil de 32 anos. O grupo que se originou em sua conta com uma rede de aproximadamente cem amigos recebeu o nome de *Un Millon de Voces Contra Las FARC?* Em pouco tempo, no entanto, o grupo se tornou fenômeno de adesão a uma causa humanitária que se revelou um empreendimento político de proporções jamais vistas.

O autor de *O Efeito Facebook* prossegue dizendo que:

O que se seguiu foi um dos mais extraordinários exemplos de interação alimentado pela tecnologia digital que o mundo já viu. Em 4 de fevereiro, cerca de 10 milhões de pessoas saíram em passeata contra as FARC em centenas de cidades na Colômbia de acordo com estimativas da imprensa do país. Outros 2 milhões fizeram o mesmo em cidades ao redor do mundo (KIRKIPATRICK, 2011, p. 12).

O então presidente dos EUA Barack Obama foi um grande entusiasta no uso político do Facebook, particularmente em sua campanha à reeleição no ano de 2012. Manchete do portal G1 informa que “Página de Obama é curtida por 1 milhão em um dia”. A média de curtidas diária da página do presidente era da ordem de 30 mil pessoas, no entanto, sua equipe comprou propagandas no espaço “histórias patrocinadas”, o que faz com que sua página seja promovida no Facebook de diversos usuários – mesmo aqueles que não desejam necessariamente ver esse tipo de mensagem.

Os protestos que tal estratégia de marketing provoca em alguns, no entanto, não chega a ser um fator inibidor para os políticos que dela se utilizam, evidência de que o Facebook se consolidou como mídia digital na promoção de conteúdos políticos.

Entretanto, no que diz respeito à juventude, particularmente os estudantes de ensino médio, objeto dessa pesquisa, o uso das redes sociais para ativismo político ainda não pode ser corroborado. Ao menos segundo os autores Palfrey e Gasser:

A história do efeito do uso da internet na política está apenas se iniciando; essas questões estão surgindo, neste momento, em diferentes contextos em todo o mundo (...) O campo acadêmico que

estuda as questões está em seus primórdios. Evidências empíricas são mais ou menos inexistentes (PALFREY; GASSER, 2011, p. 288).

Tal constatação contribui para um otimismo moderado por parte dos pesquisadores, pois, por mais que a internet se revele com um grande potencial politicamente falando, os estudos que podem vir a comprovar essa potencialidade estão apenas começando.

O otimismo, no entanto, ainda que contido, tem sua razão de ser, pois: “Os nativos digitais estão na linha de frente do movimento para mudar a política através do uso de ferramentas digitais” (PALFREY; GASSER, 2011, p.289).

Alguns exemplos<sup>6</sup> citados pelos autores incluem a Coreia do Sul em 2012, a Revolução Laranja da Ucrânia, em 2004 e 2005, e as eleições primárias presidenciais, em 2004 e 2008 nos EUA, onde os chamados nativos digitais encabeçaram campanhas por meio das técnicas de *netroots*<sup>7</sup>.

Referindo-se ao contexto estadunidense, segundo os mesmos autores:

Nos últimos 20 anos, tem se escrito muito sobre o suposto declínio nos votos entre os jovens. Ao mesmo tempo, tem havido um aumento recente em outros tipos de envolvimento cívico que apontam para as oportunidades que o ativismo baseado na internet poderia explorar. Esta divergência sugere que não se trata de os jovens serem apáticos; diz apenas que eles estão interessados em mudar o mundo de outras maneiras que não a votação (PALFREY; GASSER, 2011 p. 289).

A partir da experiência estadunidense procurou-se verificar o nível de interesse e envolvimento do jovem estudante brasileiro com a política nacional. Para isso esse trabalho valeu-se do artigo Politização nas escolas; O quanto os jovens compreendem essa demanda, coordenado pelo cientista político Dr. Humberto Dantas em parceria com Vinícius Caruso. No artigo em questão são apresentadas três experiências distintas cujo objetivo é analisar algumas

---

<sup>6</sup> Tanto na Coreia do Sul, como na Ucrânia, a população, especialmente a juventude, se mobilizou em protestos contra os líderes desses países fazendo amplo uso das redes sociais.

<sup>7</sup> *Netroots* é um termo para descrever o ativismo político organizado através de *blog's* e outros meios *online*.

pesquisas realizadas com jovens, buscando medir se existe entre eles envolvimento político, desejo de participação e consciência acerca da relevância da política e da educação para a sua prática em suas realidades. Em síntese, o texto mostra que existe uma probabilidade maior de o processo de politização nas escolas ser mais bem sucedido nas séries mais avançadas do Ensino Médio.

A primeira das experiências, objeto de análise dos autores, ocorreu em 2005. Tratou-se de uma parceria entre o Instituto Valores, já extinto, com o Movimento Voto Consciente, este ainda bastante ativo. Foram realizadas palestras em escolas de Ensino Médio de um conjunto de bairros da zona sul de São Paulo envolvendo estudantes da USP que fizeram uso de teatro com a temática democracia, associando a performance ao conteúdo da palestra sobre a relevância da politização

Levantamento dos responsáveis apontou que 1.091 jovens participantes preencheram um questionário sobre a atividade de politização. A constatação após a conferência dos resultados é preocupante: O número de jovens que não se interessaram em se cadastrar no Tribunal Superior Eleitoral foi da ordem de 80%.

Não revelaram simpatia por nenhuma legenda partidária 74,7%. À parte de outros dados que seguem na mesma linha de respostas, mais de 80 % do total de jovens declararam não atuarem em ONG ambiental, ONG política, associações de bairro, sindicatos, partidos políticos e esferas participativas. “Tais resultados corroboram a tese de que estamos criando cidadãos passivos, desinteressados pelas organizações da sociedade sob seus mais diferentes formatos” (DANTAS; CARUSO, 2011, p.26).

A segunda experiência analisada foi realizada em 13 escolas públicas, sobretudo de Ensino Fundamental, no primeiro semestre de 2011. Novamente a partir de palestras procurou-se detectar a visão do jovem sobre a nossa democracia.

O objetivo era estimular a participação política dos alunos por meio do programa Parlamento Jovem, atividade promovida tanto na Câmara Municipal de

São Paulo como na Câmara dos Deputados que objetiva educar politicamente os estudantes e aproximá-los das casas de leis. Segundo os autores 1.171 alunos responderam um questionário, estando 77,5% com idade entre 13 e 15 anos de idade, portanto, mais novos que o limite mínimo para o exercício do voto.

A constatação nesse caso, não foi mais animadora, pois 78,5% dos jovens declararam não ter interesse por política. Mais de dois terços declararam desconhecer a iniciativa do Parlamento Jovem, sendo que em duas escolas chega a 90%. Em unidades onde a iniciativa foi implantada, cerca de 68,3% não conhecem o programa.

Os grêmios estudantis que é uma esfera de participação mais próxima à realidade dos jovens são conhecidos por 64,3% dos entrevistados, no entanto, na escola onde o programa Parlamento Jovem é mais conhecido, 70,7% dos alunos não sabem o sentido do órgão supostamente mais conhecido.

A terceira e última experiência foi desenvolvida também em 2011 por cientistas políticos nos Centros de Integração da Cidadania (CIC) da Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. Trata-se de um curso de 12 horas ministrados para escolas de Ensino Médio próximas do CIC em três encontros. Os pontos salientados pelos autores correspondem às experiências anteriores com baixo nível de atuação política. O interesse pelo curso estava muito mais atrelado a motivos pessoais e profissionais do que a aspectos políticos. Sendo os participantes todos acima de 16 anos, apesar do bom resultado ao interesse pelo título de eleitor, 42% o obtiveram ainda com 16 ou 17 anos, 71% dos alunos não votaram em 2010 e 14% não se lembravam em quem votaram.

Os autores fecham o diagnóstico considerando que os jovens reproduzem um comportamento social ainda mais abrangente:

“Seria possível afirmar, no cenário traçado nesse artigo, que existe uma visão por vezes negativa do jovem sobre a política, o que muitas vezes reproduz a percepção de parcelas expressivas da sociedade sobre o assunto” (DANTAS; CARUSO, 2011, p.32).

### 3 METODOLOGIA

Para a solução do problema proposto, estabeleceu-se como recorte o acompanhamento de oito turmas (cerca de 240 alunos assíduos) concluintes do ensino médio, período noturno, em uma escola pública na periferia sul da capital paulista. Partiu-se de uma perspectiva indutiva - de constatações particulares para fins de conclusão geral.

Como a pesquisa desenvolveu-se num contexto educacional, reveste-se de natureza prática de modo que os conhecimentos obtidos venham a ter possível aplicabilidade para um melhor aproveitamento no processo de ensino – aprendizagem. Para isso, foi adotada a dupla abordagem, qualitativa / quantitativa com a técnica de questionário, este, com vinte e oito perguntas e variado número de alternativas de resposta (conforme a questão) com o intuito de levantar a vivência política dos alunos, bem como a impressão que tiveram dos trabalhos realizados.

A dinâmica da pesquisa consistiu na observação dos sujeitos envolvidos tanto física (sala de aula), quanto virtualmente (grupo no Facebook), criado para esse fim, no tocante ao envolvimento com o tema proposto na grade curricular de ensino considerando a turma e bimestre.

O nome da página do grupo (Parlamentar ou para lamentar) foi escolhido em função da pesquisa de campo que os alunos empreenderam tendo como proposta acompanhar a rotina de um (a) vereador (a) paulistano (a) por todo o bimestre corrente. O grupo no Facebook teve como prerrogativa ser um espaço de extensão para os debates desenvolvidos em classe e servir como repositório dos trabalhos de campo realizados por eles. Também objetivou propiciar aos estudantes uma experiência teórica e prática em relação ao poder legislativo municipal.

Os 55 vereadores componentes da bancada municipal paulistana foram contemplados mediante sorteio realizado em sala de aula. Além do aspecto biográfico e histórico do político nas mídias, os alunos, em grupos, deveriam

fazer um levantamento quanto à relevância ou não dos projetos de leis por eles apresentados.

Por fim, os alunos deveriam experimentar um contato pessoal com o (a) vereador (a) para lhes fazer perguntas segundo o que pesquisaram, e o que mais julgasse importante.

Desta forma, acredita-se que um experimento social dessa natureza e abrangência pode auferir aos jovens concluintes do ensino médio dela participantes, uma experiência enriquecedora e de inestimável valor que possa redirecionar sua relação não só com as redes sociais, como também com o poder vigente. Além disso, este trabalho pode servir de estímulo a quem queira aprofundar a pesquisa sobre o potencial da internet, especialmente das redes sociais para a politização dos estudantes brasileiros.

Cumpre-se assim, nesse trabalho de conclusão de curso, a proposta de integrar mídias à educação, no caso, vídeo, jornais, revistas, portais informativos de internet e redes sociais na solução do problema proposto por essa pesquisa.

#### **4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

O questionário com 28 perguntas, sendo 25 fechadas e 03 abertas foi dividido em três blocos. Procurou-se contemplar os hábitos virtuais dos alunos com foco na rede social Facebook, 8 perguntas, pois a forma como utilizariam as redes sociais durante o bimestre seria um bom sinalizador para a hipótese levantada para o problema deste artigo.

Algumas perguntas foram feitas para detectar um pouco sobre a vida política do aluno, ou seja, o nível de envolvimento pessoal com o tema, 7 perguntas. O maior número de perguntas, 15, foi elaborado na perspectiva de mensurar a influência e o impacto que o trabalho realizado, que incluiu pesquisa, contato pessoal com os vereadores, participação na página virtual em interação com os colegas de diversas turmas e publicação de vídeo conclusivo, teve sobre o interesse deles por temas relacionados à política.

Ao todo, 194 questionários foram respondidos, uma média de 24 por sala. A média de idade dos respondentes é de 17 anos, dentro da média,

portanto, requerido para concluintes do ensino médio. Na divisão de gênero ficou demonstrado haver um considerável desequilíbrio em favor das mulheres, 125 contra 69.

Os gráficos que se seguem após a análise de cada bloco darão uma dimensão em porcentagem dos resultados, porém, para efeito de melhor visualização será limitado à no máximo três nessa seção. Para uma verificação completa dos resultados, os demais gráficos estarão disponibilizados na seção apêndice 1.

#### 4.1 HÁBITOS VIRTUAIS

Quanto aos hábitos virtuais verificou-se que a maioria, 115 utiliza as redes sociais diariamente, com preferência para o Facebook, 113.

O período em que os estudantes mais acessam o Facebook é à tarde, 67, seguido da noite, 59. A madrugada contou com 26 anotações e o período da manhã com 21.

O tempo médio gasto nessa rede social semanalmente é de 1 a 3 horas para 56; menos de 1 hora para 54; de 3 a 5 horas para 35; acima de 10 horas para 34 e entre 5 e 10 horas para 27. Os motivos que levam os estudantes a acessarem o Facebook são variados.

Observar e curtir, passar o tempo e interagir com os colegas foram as opções mais anotadas, respectivamente 58, 57, 52; participar de fóruns de discussões foi mencionado por 14. Ainda assim, parte considerável, 99, sinalizou que participam de algum grupo de natureza política. É possível que aqui os alunos tenham entendido o grupo virtual Parlamentar ou para lamentar como de natureza política o que explicaria o índice. Já, 58 alunos afirmaram que seguiam o perfil de algum político; outros 81 que não e 48 não se lembrava.

A última questão desse bloco indagava que atitude o aluno tinha quando recebia um link de conteúdo político; cerca de 88 afirmaram que abre e lê; nem abre foi a resposta de 17; começa a ler, mas não termina foi assinalado por 41;

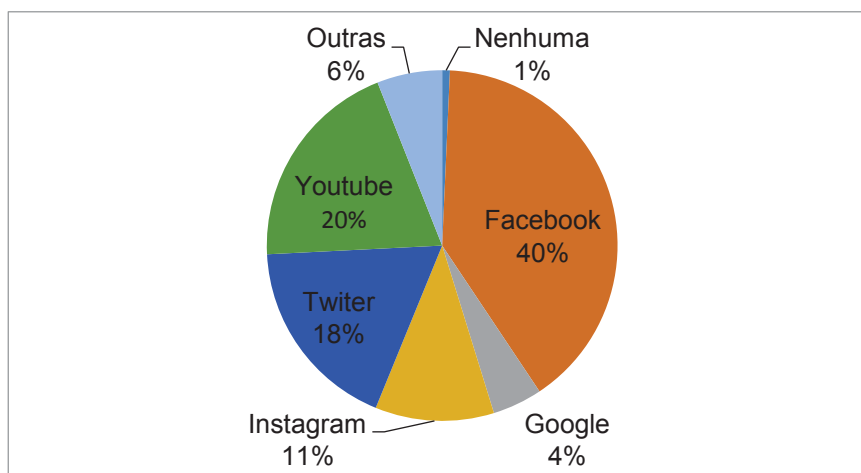
lê sob alguma condição, por exemplo, se o assunto estiver “bombando” foi a resposta de 38.

Os resultados desse bloco confirmam a supremacia da rede social Facebook que é utilizada diariamente pela maioria dos alunos numa média de 1 a 3 horas por semana.

Ficou evidente que a motivação dos alunos para acessar a rede não é a política. A participação em fóruns de discussão, onde potencialmente se dá o debate político foi mencionado por apenas 7%. A maior parte ainda vê o Facebook como mero entretenimento. O fato de 53% mencionarem que participa de algum grupo de natureza política pode representar algum alento, caso nesse porcentual não esteja incluso o grupo Parlamentar ou para lamentar criado com objetivos pedagógicos para essa pesquisa.

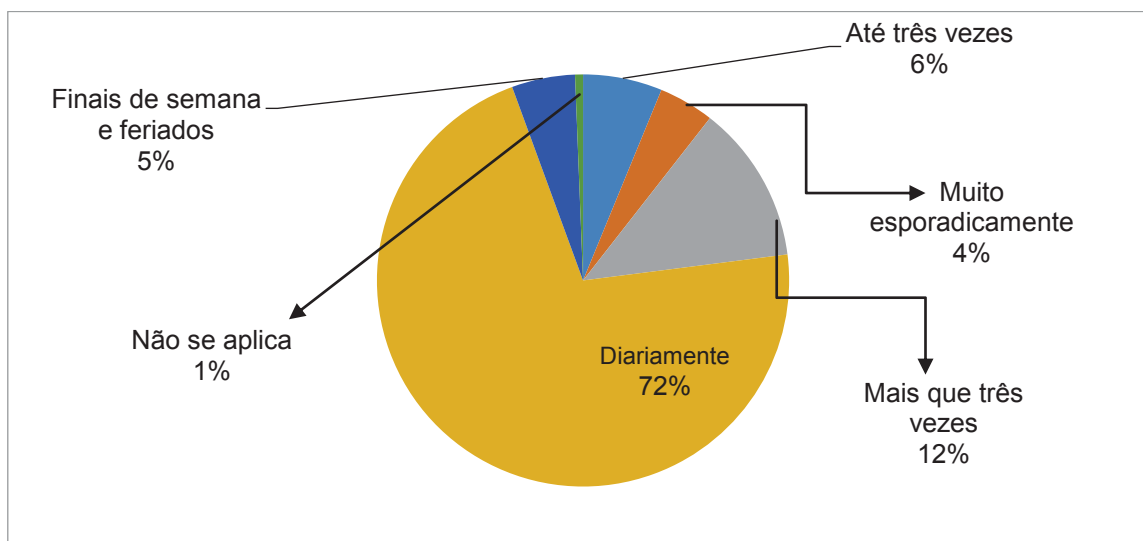
O fato de quase 70% não seguir e/ou não se lembrar de seguir algum político nessa rede social caracteriza um significativo desinteresse pelo tema.

GRÁFICO 1 - REDE SOCIAL



FONTE: O autor (2018)

GRÁFICO 2 - ROTINA DE USO SEMANAL



FONTE: O autor (2018)

#### 4.2 VIDA POLÍTICA DO ALUNO

Quanto ao título de eleitor, 77 afirmaram possuir o título; outros 76 afirmaram que apesar de não ter, ficará atento para não perder a data; cerca de 30 não têm, mas fazem questão de tirar e 11 responderam não ter idade para tirar o título.

Perguntados se os pais falam sobre política em casa, a opção mais assinalada foi às vezes, 112 menções, seguido de sempre e nunca, 40 e 38 respectivamente. Houve uma menção de que o assunto era proibido em casa.

A próxima questão indagava se o aluno compareceria às urnas caso não fosse obrigatório. A maioria, que foi 122, afirmaram que sim e 71 disseram que não. Sobre o sentimento que nutre pela política, cerca de 65 mencionaram a opção desconfiança; já, 32 alimentam alguma expectativa; para 29 curiosidade; cerca de 25 apontaram desinteresse; raiva e indiferença ficaram empatadas com 21 sinalizações; admiração e respeito foram mencionados por 4 e 2 respectivamente.

A última pergunta, não obstante ser a última do questionário foi colocado neste bloco por ter a ver com a vida política e pessoal do aluno. A pergunta em questão era:

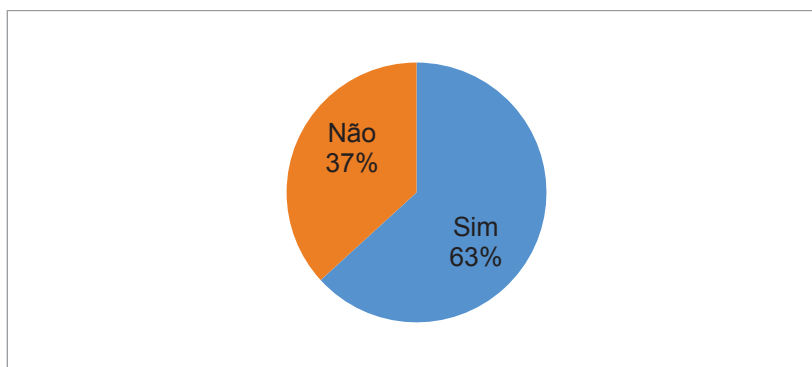
Considerando esse questionário e o contexto atual, com base nos seus conhecimentos, caso a eleição para presidente fosse hoje, em quem você votaria? Os candidatos em questão eram os que estavam sendo cotados pela maioria das mídias e pelas pesquisas oficiais no momento da aplicação deste questionário. Portanto, sem qualquer valor científico, até porque há casos de mais de um candidato da mesma sigla partidária. Na sequência em que foram apresentadas, as respostas foram as seguintes: Ciro 3; Bolsonaro 19; Aécio 2; Lula 63; Hulck 10; Alckimin 0; Dória 4; Marina 4; Haddad 21; Moro 4; Branco 12; Nulo 48; Outro 6. Na opção outro, apesar de haver espaço para colocar o nome, houve apenas uma sinalização que foi o atual vereador por São Paulo, Eduardo Suplicy.

Seja como for, esta pergunta parece refletir nos alunos o atual momento político de acordo com as pesquisas oficiais que mostram Lula na dianteira, seguido por Bolsonaro e com um alto índice de abstenções. Isso pode apontar para a possibilidade dos alunos, de alguma forma, não estarem tão alienados no tocante ao tema política como alguns índices desse próprio questionário possa fazer parecer.

Esse bloco de perguntas parece confirmar o bloco anterior. O fato de 40% dos alunos mencionarem possuir o título, não pode ser associado diretamente a um interesse pela política, mas parece estar muito mais atrelado à questão de ser um documento imprescindível para obtenção de emprego. O fato de 54% mencionarem que não possui, mas que pretende estar atento à data para não perder, ou mesmo que não possui, mas faz questão de tirar não implica igualmente um interesse consciente pela questão política. Soma-se a isso o porcentual de sentimento negativo que inclui desprezo, raiva, desinteresse, indiferença e desconfiança em relação à política da ordem de 69%, e quando apenas 21% de alunos mencionam que assuntos sobre política estão na pauta do dia em casa junto às suas famílias, isso tudo e somados pode apontar para a apatia referente ao tema verificado nas respostas. Verifica-se, no entanto, que

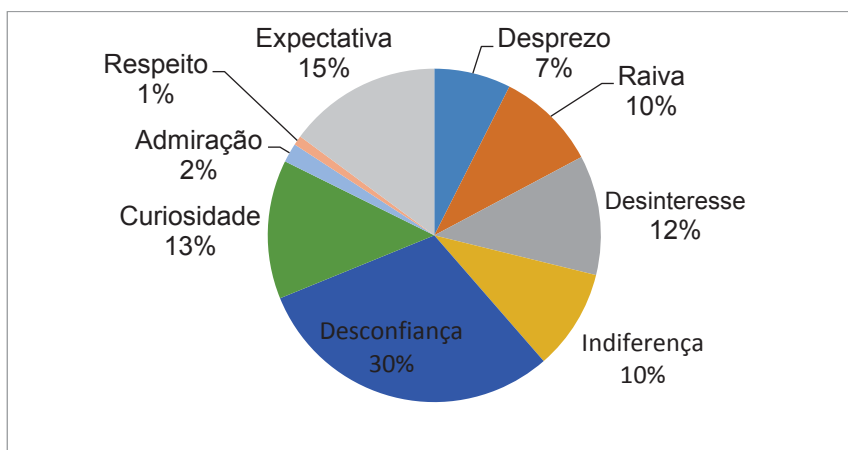
63% estariam dispostos a comparecer às urnas de votação ainda que o voto não fosse obrigatório, contra 37% que não compareceria no que pode ser percebido como uma aparente contradição em relação ao todo.

GRÁFICO 3 - VOTARIA SEM OBRIGATORIEDADE?



FONTE: O autor (2018).

GRÁFICO 4 - SENTIMENTO PELA POLÍTICA



FONTE: O autor (2018).

#### 4.3 INFLUÊNCIA DO TRABALHO NOS ALUNOS

O último bloco de perguntas é decisivo para confirmar ou não a hipótese construída para o problema proposto para este artigo, portanto, foi contemplado com o maior número de perguntas.

Em relação às atividades propostas no grupo do Facebook Parlamentar ou para lamentar, foi perguntado o quanto a página influenciou no interesse pelo tema política. Para 62 o interesse aumentou; para 61 aumentou consideravelmente; cerca de 17 responderam que aumentou muito; para 53 manteve-se inalterado. Houve quem respondesse que o interesse diminuiu, 2. Perguntou-se, então, se o aluno pretendia permanecer no grupo mesmo depois de os trabalhos serem encerrados e assim continuar interagindo com o professor e colegas sobre assuntos relacionados à política. Para 150 a resposta foi “sim”; já 41 assinalaram que “não”.

Indagados se diante da experiência com o grupo no Facebook e as atividades desenvolvidas o aluno aprendeu algo efetivamente novo, 113 responderam que sim e 41 não.

Como uma das atividades envolvia pesquisa para levantamento da vida pessoal e política do (a) vereador (a), inclusive com agendamento de visita, foi questionado se os alunos passaram a seguir habitualmente o perfil do político no Facebook, ou mesmo de outro político. A alternativa sim recebeu 73 sinalizações; não, 82; nem pretendo, 26.

As duas perguntas seguintes procuraram medir se a experiência no grupo do Facebook alterou os hábitos políticos dos alunos.

A primeira quis saber se os alunos passaram a falar mais de política junto aos seus pares, familiares e colegas em geral. Para 119 a resposta foi sim e para 73 não. No tocante a prestar mais atenção no noticiário político, seja na televisão, rádio ou internet, 142 responderam que sim e 38 que não.

Sobre a campanha eleitoral de 2018, foi perguntado se o aluno passou a considerar a possibilidade de envolver-se no processo acompanhando os candidatos por meio do horário eleitoral, noticiário em geral e, principalmente, votando. Dos que responderam 136 disseram que sim, ao passo que 59 preferem não acompanhar o processo tão detalhadamente.

Algumas perguntas diziam respeito diretamente à experiência de contato com o (a) vereador (a). Dentre os alunos que obtiveram sucesso no contato, 39 mencionaram a hospitalidade como fator que mais chamou a atenção. Para 78 alunos os políticos foram simpáticos em contrapartida a 6 que os consideraram

antipáticos. Outros 45 mencionaram que os políticos dominam o assunto do qual falam e 7 mencionaram a cordialidade dos funcionários. A desconfiança manifestada pelos políticos chamou a atenção de 13 e a decoração do ambiente foi assinalada por 2 alunos.

A pergunta a seguir foi aberta. Questionava se as expectativas do grupo se confirmaram, ou se de alguma forma os surpreenderam. Apesar da variedade de respostas, a maioria aponta para a mesma percepção, ou seja, os alunos se surpreenderam positivamente. Mencionaram simpatia e receptividade, pois alimentavam um preconceito de inacessibilidade da parte dos políticos.

Tal constatação se confirmou com a pergunta a seguir, que faz jus ao tema desse artigo e que também nomeia o grupo no Facebook.

Os alunos deveriam após a pesquisa e o contato, classificar o (a) vereador (a) nas opções Parlamentar ou para lamentar. Exatos 121 alunos aprovaram seus vereadores e 57 os reprovaram.

Tal aprovação parece influenciar diretamente as respostas à próxima pergunta. Inquiridos se voltariam novamente à câmara dos vereadores ou a qualquer outro parlamento político para conversar, cobrar, incentivar ou sugerir algo as respostas foram: Provavelmente 119; responderam improvável, 31; desde que seja a trabalho acadêmico e valendo nota foi a resposta de 11; somente com amigos e para acompanhar alguma votação importante, 33.

Diante da experiência adquirida com o trabalho e das diversas interações promovidas pelo grupo virtual, procurou-se saber se os alunos consideravam-se capazes de assumir uma posição ideológica em termos políticos. A resposta de 78 foi de não reunir ainda informações suficientes para se posicionar; já 45 se posicionaram ao centro; outros 17 optaram pela direita e 9 à esquerda; cerca de 10% se considera apolítica, portanto, desinteressada pelo tema.

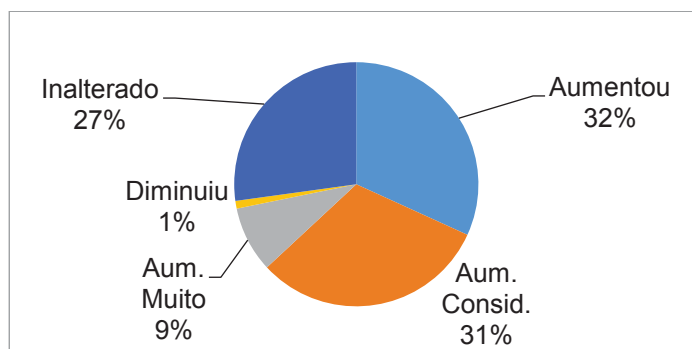
A última pergunta procurou saber se dentre os alunos poderia haver potenciais candidatos a algum cargo eletivo na política. Para 28 essa possibilidade existe. A grande maioria, no entanto, 163 rejeita essa possibilidade.

A influência do Trabalho mediada por uma página de Facebook sobre o interesse dos alunos pela política parece ser notória. Nada menos que 72% reconheceram que o grupo alterou sua percepção sobre a questão. A grande maioria ainda, 79% manifestou o interesse de permanecer no grupo mesmo com as atividades terminadas. O índice de reconhecimento da ordem de 75% de que houve aprendizado novo e efetivo durante todo o processo também é bastante animador. O fato de 62% mencionarem que passaram a conversar mais com seus pares sobre política, 79% afirmarem que estão prestando mais atenção aos noticiários referente à política e 61% assinalarem como provável a possibilidade de voltar à Câmara Municipal para interagir com os legisladores parece ratificar a hipótese dessa pesquisa. Uma das perguntas abertas queria que o aluno mencionasse algum episódio político do qual tivesse lembrança por meio da mídia nas últimas semanas. As respostas variaram entre Lava Jato, reformas da previdência, trabalhista e o julgamento do ex- presidente Lula, dentre as mais citadas. O fato de 60% afirmarem que não passou a seguir o perfil do vereador pesquisado na rede, dos quais 15% nem pretende não chega a ser um dado que comprometa a notória influência desse trabalho sobre os jovens. Ao que tudo indica é mais uma questão de orientação que, em havendo continuidade o tempo deve suprimir. A continuidade se faz necessária também para auxiliar os jovens a se posicionarem ideologicamente de forma mais segura, uma vez que 47% não conseguiu reunir informações suficientes para se posicionar; 27% preferiram a segurança do centro e 11% seguiu manifestando desinteresse pelo tema e se declarando apolítico.

Quanto à interação na página do Facebook, esta se demonstrou bastante intensa ao longo do bimestre durante a vigência do trabalho. Os alunos contribuíram com postagens relevantes de conteúdos políticos, como também se ajudaram mutuamente com dicas e observações sobre dificuldades comuns enfrentadas por eles no desenvolvimento das atividades. Entretanto, não obstante, 79% afirmarem que pretendia continuar no grupo, tal não se confirmou. Uma vez encerradas as atividades pedagógicas no grupo, praticamente nenhuma postagem, comentários ou interação foram feitos, demonstrando que a

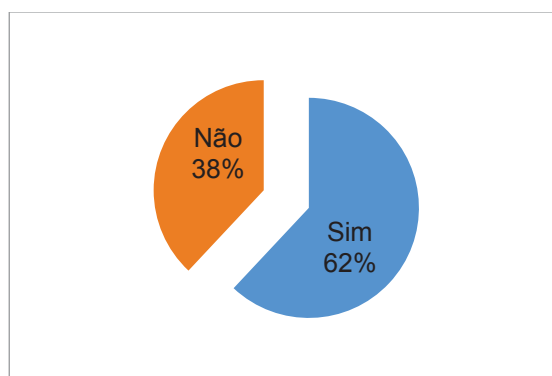
continuidade de uma experiência dessa natureza depende em grande medida da mediação dos professores.

GRÁFICO 5 - INTERESSE PELO TEMA POLÍTICA



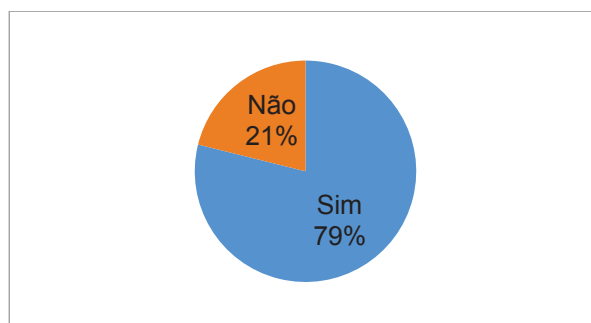
FONTE: O autor (2018).

GRÁFICO 6 - CONVERSA MAIS SOBRE POLÍTICA



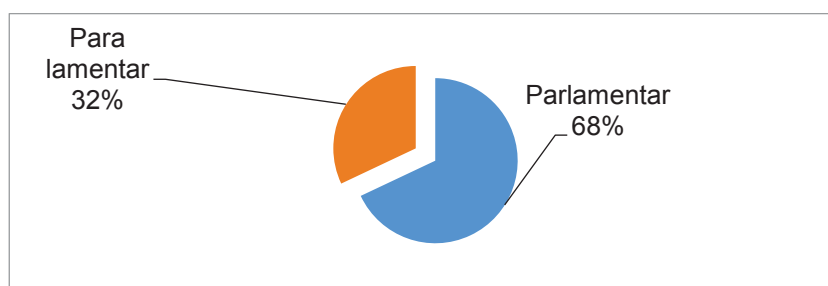
FONTE: O autor (2018)

GRÁFICO 7 - MAIS ATENÇÃO AO NOTICIÁRIO POLÍTICO



FONTE: O autor (2018)

GRÁFICO 8 - CLASSIFICAÇÃO DO POLÍTICO



FONTE: O autor (2018)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema proposto por esse artigo foi se o Facebook, para além de um espaço de entretenimento ou veículo disseminador de ativismos político e ideológico isolados, poderia se converter num instrumento de real conscientização política, ou seja, numa ferramenta pedagógica de politização para os alunos que dele se utilizam. O experimento social, portanto, ao problematizar a tríade (educação – redes sociais digitais – política) para aferir se há uma correlação entre esses componentes (vinculados) e um possível aumento no nível de politização destas turmas, de forma que em seu cotidiano seja verificado um maior interesse no acompanhamento dos processos políticos do país, confirmou-se verdadeiro.

Durante todo o processo de pesquisas que perdurou pelos meses de Setembro à Novembro do ano letivo de 2017, os alunos interagiram de forma absolutamente dinâmica compartilhando suas experiências no grupo do Facebook. O fechamento do trabalho consistiu numa apresentação em vídeo de cada grupo de alunos, em que foram relatados os trabalhos cuja conclusão apontou para um índice de aprovação dos legisladores da ordem de 68%. Portanto, a maioria dos vereadores, na concepção dos alunos nessa experiência é de fato parlamentar político que cumprem eficazmente as funções para as quais foram eleitos, 32% no entanto, foram sentenciados como mandatos para se lamentar.

A rede social Facebook pareceu servir como uma espécie de incentivo a mais no processo de descobertas que as experiências vivenciadas ao longo do bimestre propiciaram. Desta forma, o Facebook se consolida também na área do ensino, como uma eficaz ferramenta pedagógica de politização estratégica e indispensável se firmando cada vez mais como mídia digital inovadora, e confirmando sua vocação para o sucesso.

Ainda que num recorte considerado pequeno, uma unidade escolar pública da periferia sul paulistana, tal amostragem teve o potencial de revelar a tendência comportamental de um seguimento social representativo e decisivo no que diz respeito às perspectivas políticas num ambiente estereotipado, como é o caso do Brasil atualmente.

## REFERÊNCIAS

ALLAN Peron. Disponível em:

<<http://www.allanperon.com.br/facebookmarketing/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

BBC. Página de Obama é curtida por 1 milhão em um dia. G1, 11 outubro 2012. Seção Mundo. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/com-tatica-polemica-pagina-de-obamano-facebook-e-curtida-por-1-mi-em-um-dia.html>>. Acesso em 20 novembro 2017.

COÊLHO, O. M. M. O Perfil Senado Notícia no Facebook e Politização da Sociedade (Pós-Graduação *lato sensu* em Comunicação Legislativa) – Instituto Legislativo Brasileiro - IBL, Brasília, 2015.

DANTAS, H.; CARUSO, V. Politização Nas Escolas: O quanto os jovens compreendem essa demanda. E-Legis, Brasília, v. 04 n.07 p.22-33, 2º semestre 2011. Disponível em:

<<http://e-legis.camara.leg.br/cefor/index.php/elegis/article/view/82/74>>. Acesso em: 20 novembro 2017.

KIRKPATRICK, D. O Efeito Facebook: Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

MOREIRA, A.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação. In: PORTO, C.; SANTOS, E. Facebook e Educação. Campina Grande: EDUEPEB, 2014. p. 67-84.

PALFREY, J.; GASSER, U. Nascidos na Era Digital: Entendendo a Primeira Geração de Nativos Digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

REUTERS. Facebook chega a 1,94 bilhão de usuários em todo o mundo no 1º trimestre de 2017. G1, 04 maio 2017. seção Tecnologia e Games. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-chega-a-194-bilhao-de-usuarioem-todo-o-mundo-no-1-trimestre-de-2017.ghtml>>. Acesso em: 20 novembro 2017.

TSUKAMOTO; FIALHO; TORRES. A Face Educacional do Facebook. In: PORTO, C.; SANTOS, E. Facebook e Educação. Campina Grande: EDUEPEB, 2014. p. 349-364.

## APÊNDICE A– QUESTIONÁRIO APLICADO



Universidade Federal do Paraná  
Setor de Educação Profissional e Tecnológica  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS  
INTEGRADAS NA EDUCAÇÃO**



---

### *Questionário Qualitativo de Sociologia*

1) Que rede social ou mídia você mais utiliza?

- Nenhuma /  Facebook /  Google Mais /  Instagram /  
 Twitter /  Youtube /  Outra / Qual? \_\_\_\_\_

2) Qual sua rotina de uso?

- Até 3 vezes por semana /  Muito esporadicamente /  
 Mais que 3 vezes por semana /  Diariamente /  
 Somente nos finais de semana e feriado/  Não se aplica

3) Em média, quanto tempo você utiliza com a rede social Facebook (semanalmente)?

- Menos de 1 hora /  De 1 a 3 horas /  De 3 a 5 horas /  
 Entre 5 e 10 horas /  Acima de 10 horas

4) Qual o período em que você mais acessa o seu Facebook

- Manhã /  Tarde /  Noite /  Madrugada

5) Via de regra, você acessa o Facebook para:

- Interagir com os colegas /  Apenas observar e curtir /  Para publicar /  Passar o tempo /  Participar de fóruns de discussões

Outro motivo / Qual: \_\_\_\_\_

Não se aplica

6) Entre os grupos que você faz parte e interage, algum é de natureza política?

Sim /  Não /  Não se aplica

7) Você é seguidor de algum político no Facebook?

Sim – Qual / Quais? \_\_\_\_\_

Não /  Não me lembro /  Não se aplica

8) Quando você eventualmente recebe um link de conteúdo político, sua atitude normalmente é:

Abre e lê /  Nem abre /  Abre e começa a ler, mas não termina /  Abre se for um assunto que esteja “bombando” /  Não se aplica

9) Em relação ao trabalho “Parlamentar ou para lamentar” onde utilizamos uma página do Facebook com o mesmo nome para interagir sobre assuntos voltados para questões políticas, particularmente envolvendo o poder executivo e legislativo municipal, você diria que o seu interesse por política:

Aumentou /  Aumentou consideravelmente /  Aumentou muito

Diminuiu /  Manteve-se inalterado

10) Você passou a seguir habitualmente o perfil do (a) vereador (a) que você pesquisou ou mesmo outro político depois que os trabalhos avaliativos foram concluídos?

Sim /  Não /  Nem pretendo

11) Você pretende manter-se no grupo “Parlamentar ou para lamentar” para continuar interagindo com os colegas e o professor sobre assuntos pertinentes à política mesmo depois de encerrado o ano letivo?

Sim /  Não

12) Descreva resumidamente como foi sua experiência de participar de um grupo escolar de política no Facebook e que incluiu um contato pessoal com um (a) vereador (a).

---

---

---

---

---

---

13) Você pode dizer que aprendeu algo efetivamente novo?

( ) Sim / ( ) Não

Em caso positivo pode especificar o que?

---

---

14) Você passou a conversar mais sobre política com seus pares (colegas de classe, do trabalho e familiares)?

( ) Sim / ( ) Não

15) Você passou a prestar mais atenção aos noticiários políticos na televisão, no rádio ou internet?

( ) Sim / ( ) Não

Descreva um fato da política do qual você se lembre bem noticiado nas últimas semanas:

---

---

---

---

---

16) Você passou a considerar a possibilidade de envolver-se no processo eleitoral do próximo ano (2018), acompanhando a campanha dos candidatos - agenda, horário eleitoral, noticiário e, principalmente, votando?

( ) Sim / ( ) Não

17) Quanto ao Título de Eleitor obrigatório a partir dos 18 anos e facultativo aos 16:

( ) Já possuo título

( ) Ainda não tenho idade para tirar

( ) Ainda não tirei, mas ficarei atento para não perder a data

( ) Ainda não, mas faço questão de tirar

Se sua resposta for negativa para a maioria dessas perguntas, você conseguiria descrever as razões para essa aparente apatia à política?

---

---

---

---

---

---

---

---

18) Seus pais falam sobre política em casa?

( ) Sempre / ( ) Nunca

( ) Às vezes ( ) Esse assunto é proibido em casa

19) Se seu grupo de trabalho teve um contato pessoal com o (a) vereador (a) o que mais lhe chamou a atenção no político e no seu entorno no gabinete?

( ) Hospitalidade / ( ) Simpatia / ( ) Domínio do assunto /

( ) Demonstrou desconfiança / ( ) Impaciência / ( ) Antipatia

( ) Decoração / mobília / ( ) Funcionários ( ) Outro / Especifique

---

---

---

---

20) Suas expectativas se confirmaram ou de alguma forma o surpreenderam?

Explique sua

Resposta: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

21) Qual o nome do (a) vereador (a) que seu grupo pesquisou e qual partido que ele está filiado?

---

22) Diante da pesquisa que fizeram e de tudo que vivenciaram em grupo você classificaria o (a) político (a) como:

( ) Parlamentar / ( ) Para lamentar

23) A partir da experiência desse contato com um grupo no Facebook, onde você pode interagir nas publicações e assistir os vídeos dos demais colegas em suas visitas aos parlamentares, você se considera capaz de se posicionar ideologicamente em termos políticos?

( ) Não reuni informações suficientes para isso /

( ) Sim, me considero à direita / ( ) Sim, me considero à esquerda /

( ) Sim, me considero ao Centro/

( ) Continuo desinteressado pelo tema, me considero “apolítico”

24) Você já pensou na possibilidade de sair candidato a algum cargo eletivo?

( ) Sim / ( ) Não

25) Você votaria se não fosse obrigatório?

( ) Sim / ( ) Não

26) Você voltaria novamente à Câmara dos Vereadores ou a qualquer outro parlamento político para conversar, cobrar, incentivar, sugerir algo junto aos representantes da população?

( ) Provavelmente sim / ( ) Provavelmente não / ( ) Desde que seja em trabalho acadêmico, valendo nota / ( ) Somente com grupo de amigos e para acompanhar alguma votação que julgasse importante.

27) No geral, pela política, você diria que nutre: ( ) Desprezo / ( ) Raiva /

( ) Desinteresse / ( ) Indiferença / ( ) Desconfiança / ( ) Curiosidade ( ) Admiração / ( ) Respeito / ( ) Expectativa

28) Considerando esse questionário e o contexto atual, com base nos seus conhecimentos, caso a eleição para presidente da república fosse hoje, em quem você votaria?

( ) Ciro Gomes / ( ) Bolsonaro / ( ) Aécio Neves / ( ) LULA

( ) Luciano Hulk / ( ) Alckimin / ( ) Dória / ( ) Marina Silva /

( ) Haddad / ( ) Sérgio Moro / ( ) Branco / ( ) Nulo / ( ) Outro:

Qual? \_\_\_\_\_.